

## O LUGAR, O MUNDO E O COTIDIANO

Amélia Luisa Damiani\*

É preciso incorporar ao espaço a crítica da vida cotidiana, que põe o acento na reprodução das relações sociais.

O cotidiano se torna um nível de análise do real, importante, quando a reprodução social atinge inteiramente a reprodução da vida. Diante do capitalismo como modo de produção cabal, isto é, quando o processo produtivo imediato não responde mais, sozinho, pela reprodução ampliada. Quando dois fatos coincidem:

1. A reprodução ampliada do capital e da sociedade coloca em questão a reprodução das relações sociais num âmbito fora da fábrica, em outros momentos da vida social;

2. Quando, inversamente, a lógica da fábrica - a divisão técnica do trabalho - transcende-a e alcança outros momentos da vida social. Ressecados cada vez mais. Administrados, programados, redefinidos pelos poderes e saberes. A tendência é gerir a vida cotidiana sob o modelo de uma pequena empresa.

O cotidiano envolve outros momentos da vida social, além do trabalho, sob a lógica deste, momentos que já não são alheios, ingênuos à reprodução do capitalismo.

Lidando com o cotidiano se coloca o acento no social, como nível mediador entre o econômico e o político, totalmente atingido por essas outras esferas do real. O social não pode permanecer, em termos de análise, submerso ao econômico e ao político. Não há uma acomodação intrínseca entre essas esferas do real humano; imbricadas, relacionadas, ainda sobram fissuras, interstícios a examinar. O econômico e o político pressionam o social, o que equivale a avaliar o empobrecimento da vida social, no sentido dela se dobrar à vida privada, num mundo tecnológico e economicamente desenvolvido. A mesma base tecnológica e econômica pode sugerir sociedades concretamente diferentes, pois não se faz tábula rasa das maneiras de viver, dos costumes, dos simbolismos de um povo de forma absoluta, por mais rigorosos que sejam os processos reprodutores, envolvendo empresas e estratégias políticas. Pode-se definir como relações sociais não redutíveis às relações de produção, nem às superestruturas políticas. São relações de solidariedade, de associação, no sentido autogestionário. Para compreender este âmbito do social seria preciso retornar, segundo a tradição marxista, aos conceitos associados de prática social e de sociedade civil.<sup>1</sup> Colocando-se o acento no social, coloca-se o acento na cotidianidade como nível de análise da totalidade. Por ser solo da reprodução é também, e ao mesmo tempo, o que deve se transformar prioritariamente. A teoria não exclui aqui a transformação. Ao contrário, a crítica da vida cotidiana propõe "mudar a vida", ou melhor, todo projeto revolucionário deve incluir mudar a vida inteira, inclusive, a vida privada, o indivíduo, o vivido. Transformar a vida cotidiana permite apontar para uma negatividade

---

\* Prof.a. Dra. do Departamento de Geografia, FFLCH, USP.

Este trabalho foi originalmente apresentado no Encontro Internacional: Lugar, Formação Sócioespacial, Mundo, ANPEGE, Universidade de São Paulo, setembro de 1994, sob o título "O Lugar e a Produção do Cotidiano". Aqui ele está sendo revisto à luz de novas conquistas, com relação às concepções apresentadas.

<sup>1</sup> Veja a respeito, Lefebvre, Henri, Une pensée devenue monde - faut-il abandonner Marx, Paris, Fayard, 1980.

verdadeiramente radical, talvez aquela preterida historicamente neste século. “A cotidianidade e sua recusa põem em questão, fragmento por fragmento, o conjunto do mundo moderno: cultura, Estado, técnica, instituições, estruturas, grupos constituídos, pensamento analítico e operacional, as separações que mantêm, etc...Restitui um todo...A cotidianidade é insuportável. É intolerável, inadmissível”.<sup>2</sup> Falamos da pobreza de um cotidiano “privado”.

Portanto, o que faz da cotidianidade um nível de análise da totalidade é que o mundo atual acentua a reprodução, o processo reprodutivo como um complicador no exame da totalidade moderna. O que não exclui, inclusive define, a cotidianidade como um nível desigualmente desenvolvido, subdesenvolvido mesmo, em alguns casos, face ao econômico e ao político. A lei do desenvolvimento desigual é primordial no exame do cotidiano.

A cotidianidade é produzida também pelo modo de produção, não lhe é alheia, nem marginal, embora seja desigual a outros setores, momentos e situações dessa forma de produzir. O cotidiano, como simulacro da vida plena, assim modelado, permite ao modo de produção funcionar. Só é possível compreendê-lo dessa forma se admitirmos que o avanço do processo produtivo atinge inúmeros momentos da vida social, num processo de reprodução ampliada, que torna necessário essa expansão.

Lidar com o cotidiano é, em princípio, lidar com alienações superiores à necessidade bruta do alimento, da casa, transcendendo o nível estrito da sobrevivência. Portanto, refere-se a camadas sociais, mesmo que populares, mais estabelecidas na vida. O cotidiano se estabelece nas classes médias, e, daí, expande-se para a sociedade inteira, pelo menos em seus resíduos.

Porque se torna importante detectar tal universo?

Porque, no mundo de hoje, vivemos várias formas de alienação, que mantêm o homem distante de sua realização enquanto tal, distante de sua humanização, apesar dos níveis tecnológicos alcançados. No limite, estamos diante da contradição fundamental entre as forças produtivas e as relações de produção. Continuamos a refletir sobre essa contradição fundamental, agora, a partir de novas implicações, resultante da complexidade do processo reprodutor.

O afeto, o desejo, o gozo existem, mas esmorecem diante das necessidades, programações, satisfações. Essas definem a base das novas alienações. E como mediação estão as novas tecnologias, como os mass medias.

De qualquer forma, o cotidiano, em relação ao econômico e ao político, amplia o universo de análise para tantas outras relações entre os indivíduos e grupos, inclusive, particulares, locais. Inclui o vivido, a subjetividade - as emoções, os hábitos e comportamentos -.

A integração na sociedade global industrial moderna coloca a questão da dissociação, da contradição dos momentos da vida social. Contradição dolorosa - a vida do trabalho esmagando a vida familiar - o que garante que, entre os momentos da vida social, não haja somente composição estrutural. Além disso, nem tudo é programado, capturado, a cotidianidade, como resíduo, dá lugar ao informal, ao espontâneo.

É importante não descuidar do aspecto crítico ou político do cotidiano. Mas a cotidianidade não se resolveria na política, tornando dispensável o próprio conceito?

A ordem do cotidiano e a ordem do poder estabelecido vêm juntas; a segunda tem a primeira como base de sustentação.

---

<sup>2</sup> Lefebvre, Henri, *Metafilosofia*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, p.372.

Por outro lado, a cotidianidade recoloca a questão da política, no nível do lugar. Cinde as relações mais distantes, políticas, com as relações de vizinhança, não menos políticas, mas desatadas do nó direto com o Estado.

Estabelecer uma relação entre o lugar e o cotidiano não deve diluir a idéia de que o cotidiano é a base do estatista.

O lugar definido pelo cotidiano é a sociedade inteira, não só seus aspectos econômicos e políticos.

A realidade ordinária, cotidiana, que nasce no lugar, e o constitui, feita de fatos e situações, que mantém a vida, pode e é o que torna a cotidianidade um tema a examinar, compreendendo "o extraordinário no ordinário", o "sentido do insignificante". Neste sentido, a história pode começar no lugar. Mais apropriadamente, e a esse respeito, a profunda especialização dos lugares, com a mundialidade, retira do lugar sua historicidade complexa, e ele tende a simulacro da história. Quanto mais inserido na mundialidade, mais apartado da história, mais ainda se torna um sistema fechado em suas possibilidades. A contestação o recoloca no movimento da história. Liberta-o.

Relacionar cotidiano e lugar é envolver as relações próximas, ordinárias, singulares à mundialidade. A vida cotidiana, mais íntima, ao mesmo tempo, situa o lugar na sociedade global. Pela mediação do cotidiano, no lugar, somos levados dos fatos particulares à sociedade global.

De qualquer forma, tudo aparece complexo, o mundo do vivido permanece em cisão com a história. Eventualmente, o lugar, seu cotidiano, avançam em direção à história. De modo geral, há um desigual desenvolvimento entre os lugares e o mundo. Embora ambos se interpenetrem. Eventualmente, o lugar e o mundo constituem uma totalidade provisória, convergem. Provisoriamente, o lugar é o mesmo que o mundo, e o cotidiano o mesmo que a história. Em outro momento, prevalece a cisão: o lugar e o cotidiano são o outro, mediados pela história e a política e relegados à especificidade.

Essa separação possível é um curvar-se sobre a existência familiar, privada, sobre a cotidianidade "privada", na mesma medida em que, reciprocamente, a vida privada impregna-se de informações gerais, sociais e políticas. E a vida pública e política se personaliza.

Então, o lugar e a produção do cotidiano desvendam a constituição mesma do lugar, inserido na história e na política, mediatizado por elas, e, entretanto, constituindo-se autônomo, à parte, uma realidade privada. A vida cotidiana se define como o privado, alienado, nas esferas do Estado e da política. No lugar, "o peso de fora e do 'mundo' se acumula".

O lugar como espaço social exige o cotidiano estabelecido. No limite do infra-cotidiano, o lugar é somente espaço físico, esvaziado de relações e situações sociais, que o preencheriam. Os momentos da vida social, neste caso, estão vazios. Tudo o que o lugar pode ser, não o é para todos. Falar de espaço social não é uma questão lógica apenas, mas essencialmente histórica. Envolve desvendar as múltiplas alienações, e o cotidiano no lugar nos dá elementos. O lugar não existe plenamente para todos, apesar de seus limites, que são os limites da vida hoje.

Mas, o cotidiano estando no limite da reprodução, está inversamente carregado, por isso, de negatividade, no limite das possibilidades: a resistência e a contestação, em todas as suas formas.

O lugar foi, inicialmente, o espaço dos antigos "gêneros de vida", a especificidade e singularidade desses gêneros. "Antigos 'sistemas' codificavam e

regulamentavam a alimentação, o vestuário, a moradia e o mobiliário. Esses ‘sistemas’ eram locais, regionais, nacionais.”<sup>3</sup> Hoje, em contrapartida, com o lugar no mundo se produz o lugar do cotidiano: nivelamento das necessidades, alinhamento dos desejos uns sobre os outros, cotidianidades análogas, senão idênticas. Numa leitura durkheimiana, Salvador Juan atualiza a concepção de gênero de vida, através do que nomeia como sistema de usos, que comporia a vida cotidiana hoje, definindo usos, enquanto normas puras destacadas de toda referência moral, diferindo dos costumes. A vida cotidiana, assim, envolveria lógicas institucionais atuantes.<sup>4</sup> Neste caso, está demarcada a singularidade do cotidiano moderno. Em outras obras, como a de Agnes Heller, a de Michel de Certeau, a concepção de cotidiano aparece abrangente historicamente. Aqui, a perspectiva é demarcar a temática do cotidiano como exigência na compreensão do mundo moderno, circunscrevendo-a mais estritamente. A potência do conceito, dessa forma não se dilui. Por outro lado, uma análise durkheimiana não esclarece a crítica da vida cotidiana e seu sentido transformador, remetendo ao funcionamento de uma sociedade que parece imóvel, eterna.

Situemos a relação entre a macro e a micro histórias, ou a pequena e a grande histórias, tentando desvendar os termos de nosso raciocínio sobre a vida cotidiana e seu lugar na história.

Quando pensamos uma questão, muitas vezes, ela aparece como um raciocínio natural, uma evidência e não como uma construção advinda da prática histórica que vivemos. A atitude metafísica impregna o desenvolvimento do conhecimento.

A primeira observação, portanto, seria a de que a relação entre essas histórias é histórica. E é preciso decifrar o que a prática humana, hoje, ou, a um século, seja qual for o tempo de existência dessa reflexão, apresenta de novo, para criar a possibilidade desse conhecimento.

É possível imaginar que há uma evolução que vai da consideração da história a partir dos grandes acontecimentos até a história ordinária e cotidiana. O sentido é cada vez mais admitir que o que aparece como irrisório é significativo. O desenvolvimento científico, de fins do século XIX e inícios do século XX, sugere esta possibilidade, para não regredir até a leitura empiricista do mundo, que também cria essa leitura, como possibilidade. Uma sociedade dessacralizada, movida por transformações constantes, que afetam a vida das pessoas e o sentido do conhecimento, vai nessa direção. Então, o cotidiano seria um acontecimento histórico razoavelmente recente, tendo como parâmetro a história humana.

A incorporação dos fatos ínfimos seria fruto da superação da metafísica, ou do conhecimento a priori, em última instância, em direção a um conhecimento materialista ou existencial do mundo.

Outro ângulo a examinar, do âmbito da prática social, fundamento do conhecimento, seria o fato real que conduz à dessacralização do mundo. Os fatos banais eram, ao mesmo tempo, expressões de ritmos e acontecimentos grandiosos. Não havia a ruptura drástica entre o banal e o grandioso, porque não havia uma ruptura drástica entre a comunidade, o conserto transmitido pela história dos costumes e hábitos e a vida individual. O homem era expressão da comunidade em que vivia. Contradizendo-a ou a admitindo, francamente. É uma conquista dramática do homem, porque a vive,

---

<sup>3</sup> Op. Cit. p. 183.

<sup>4</sup> Juan, Salvador, *Les formes élémentaires de la vie quotidienne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1994.

também, como perda, a individualidade do ser humano, a admissão de suas diferenças, que não são somente diferenças de papéis consolidados na comunidade, como aqueles que remetem à divisão sexual dos trabalhos e atributos. Agnes Heller, também, lidou com esta questão em *O Homem do Renascimento*. Então, a existência de duas histórias, o reconhecimento delas, em sua distinção, expressa a separação entre o indivíduo e a comunidade, o que é próprio de um e de outro, e é um legado, vivido dolorosamente, da dessacralização do mundo e da compreensão de que a história humana depende da ação dos homens, mesmo que eles não sejam os eleitos, superiores, assemelhados aos deuses, embora diferentes, dos outros animais. O que, também, é uma conquista da ciência, quanto à compreensão da evolução humana. A existência das duas histórias é uma aporia do conhecimento, ainda não totalmente resolvida, pois sua resolução depende de uma transformação real. Vive-se essa distinção e se admite que a razão escondida de uma está contida na outra ( o que explica os grandes acontecimentos é, também, a teia de acontecimentos banais e, por outro lado, há a banalização do grandioso, que se deteriora - é a retórica, a ideologia, a mentira, a ilusão, etc. - ). Só há resolução dessa dificuldade quando se trata dos mitos, pois se esboroa aí o que é do âmbito das duas histórias: é o pequeno dentro do grande ou o inverso; nas pequenas atitudes um mundo desconhecido e mágico. Os mitos expressam um desarranjo entre tempo e espaço, uma mistura dos tempos e dos espaços. O que lhe garante a identidade enquanto mito.

Então, não está clara a relação entre as histórias, embora a história humana a sugira como possibilidade real, e a partir dela, diante desse impasse, é possível avançar no conhecimento; e, ao mesmo tempo, por outro lado, vulgarizar as duas histórias, concebendo-as quase sem sentido, a não ser o do espetacular no irrisório, quando, por exemplo, recria-se a história apenas como banalidades desconhecidas e sedutoras.

O tratamento desejado pretende apresentar a vida cotidiana como mediação necessária ao conhecimento da relação dialética entre o lugar e o mundo.

No lugar, a vida cotidiana pesa com todo seu peso.

Se o cotidiano traz à luz a ordem próxima, o mais baixo, mais perto, mais miúdo, a ordem do lugar. Ele assegura o lugar no mundo. Apesar das diferenças, o cotidiano se repete em mais de um lugar. Ele é a ordem do mundo, do Estado no lugar, atingindo a base desse lugar.

O cotidiano, como conjunto de atividades e relações, efetua-se num espaço e num tempo sociais: o lugar e suas temporalidades.

Os esquemas de homogeneidade, fragmentação e hierarquização, que submetem o cotidiano, definem o lugar: como equivalente a outros lugares; especializado cada um; diante de uma ordem hierárquica, face à plenitude da capitalização.

O Estado e a sociedade atuais têm um poder de integração enorme, proporcional ao fracionamento das unidades (locais e territoriais).

Falar da vida cotidiana é falar dos gêneros de vida no mundo de hoje. Pensar a vida cotidiana no lugar, é pensar que o mundo está no lugar e o lugar no mundo, com todas as mediações necessárias - o Estado sendo a principal -. A crítica da vida cotidiana engloba, então, o que está pretensamente acima dela: as esferas políticas. Esferas políticas e prática social cotidiana são um par dialético.

Para que se mencione, apropriadamente, a vida cotidiana, é preciso que ela se diferencie da cultura, da historicidade dos grupos arcaicos. É o lugar no mundo, que tem cotidiano moderno. É o limite da separação/integração do privado e do público, através do qual pode-se fazer sua genealogia. Neste limite de separação/integração ambos

tendem a se preservar enquanto tais. Neste sentido, mudar o mundo, transformar o mundo humano, implica a crítica radical da cotidianidade.

Se o cotidiano incide sobre a vida privada, seria necessário insistir que esta é relida, à luz da sociedade global, ao nível do político. A ordem de vizinhança se redefine, através da ordem global. O que impõe estudar o homem cotidiano e sua "privação" a partir da teoria da alienação e da desalienação. Portanto, uma crítica da vida cotidiana que utilize, de maneira nova, as noções antigas, sobretudo de alienação: não é o vivido sem conceito.

Se o lugar no cotidiano é a integração à sistematização geral, à estrutura global, o cotidiano no lugar apresenta singulares rupturas. No lugar, também, surgem preocupações próprias de tempos outros, que não o tempo linear da cotidianidade. É onde aparece o sonho da ruptura dessa cotidianidade: "persistência de tempos cíclicos, de origem biológica e cósmica, no seio dos tempos lineares (rompidos e corrompidos), impostos pela técnica e o trabalho industrial". Se o cotidiano é o lugar do programado, das necessidades fixadas, dos tempos administrados, sobre o peso do que vem do mundo. Ele, também, e nesta mesma medida, é o lugar da vulnerabilidade de toda a programação.

O que rege o mundo é a inteligência analítica, "que quebra, separa, dicotomiza"; assim, nascem os lugares, eles se impõem como partes de um todo que se pretende coerente, à luz da divisão técnica do trabalho. Se este é o sentido do poder, da razão moderna, das estratégias, a direção da sistematização; o sentido da vida humana, da relação entre o homem e a natureza, não se restringe a essa lógica. Há buracos, interstícios, através dos quais surge o mundo como obra, obra humana, e os lugares como obras. Novamente, o cotidiano, como nível mais baixo, eleva-se ao nível da obra humana. "A vida cotidiana, o lugar do simples e do sórdido, é, simultaneamente o lugar e o tempo, onde o humano se realiza".

O lugar, acima de tudo, não é o particular, perdido do mundo, é o diferente. Nasce do embate com os outros lugares, como totalidade, com a totalidade dos lugares, o mundo. Coloca-se no mundo, para ser o lugar. O que rege a existência do lugar, como do cotidiano, é o desenvolvimento desigual.

Mas, na verdade, o cotidiano no mundo exige uma amplitude maior da concepção de lugar. Há dois sentidos na noção de lugar: um, o do diferente, em relação aos lugares e ao mundo. O embate e a combinação, que definem cada um. Outro é o da particularização, aquilo que separa esse lugar do outro: a segregação.

O lugar, como particular, pode ser examinado depois de tê-lo sido como diferente: da antiga particularidade, rica até, nasce a diferença, na homogeneidade (condições materiais e históricas, explicando a divisão territorial do trabalho); e da diferença nasce a particularização (a segregação), o desenvolvimento desigual.

No lugar da negatividade, a positividade elevada pode despontar. Mas o limite do negativo, transcendendo as classes sociais, atingindo a sociedade inteira, é o limite do homem privatizado do cotidiano, que se liga à mundialidade de forma passivamente contemplativa, sem participação efetiva: "o olhar socializado", versus "a consciência atuante da prática social". O homem da privação tem o "mundo" tendendo a preencher os buracos, mobiliando os interstícios, camuflando as frustrações. Neste limite da alienação, reprodução, deve dramaticamente surgir o novo.

"Após a segunda guerra mundial o ambiente e os limites explodem de todas as partes; no espaço (o vilarejo, o bairro, os territórios e fronteiras, etc.) e no tempo (as festas, as atividades diurnas e noturnas, os empregos do tempo). Pode-se crer,

igualmente, que a vida de cada dia explodiu; ao contrário, é quando a cotidianidade se instala, instaura, institui-se."<sup>5</sup>

Os discursos sobre "a extensa descentralização e internacionalização geográfica da produção industrial", que experimenta o mundo, principalmente, a partir dos anos 70 deste século, não elimina, a rigor, totalmente, "as divisões regionais do trabalho há muito estabelecidas" (divisões intra-nacionais e internacionais), ou "a exploração do desenvolvimento geograficamente desigual como fonte de manutenção dos superlucros"<sup>6</sup>; contudo, reforçam a discussão de que as diferenças transcendem o mundo do trabalho e as desigualdades dizem respeito à reprodução da vida: o mundo se instaura, de alguma forma, inteiramente, nos diferentes lugares, os lugares se atualizam e, ao mesmo tempo, redefine-se o desenvolvimento desigual entre o político, o econômico e o social. O cotidiano subdesenvolvido refletiria essas desigualdades no espaço do lugar. A relação entre cotidiano e lugar capta a história recente dos lugares.

Ainda sobra uma questão fundamental. Qual é a força real da contestação no lugar, ou da contestação localizada diante da mundialização?

A resposta contida no livro *Du contrat de citoyenneté* merece ser examinada. Haveria um par dialético composto pelo mundial e o local, diante da extensão de certas relações à escala planetária: extensão das relações mercantis, de troca, do mercado mundial. Concebida como uma vitória do capitalismo, face à sua capacidade de adaptação. Contudo, resta a contradição entre o local e o mundial. "A mundialização do capital produz um mundo desértico, enquanto que as pessoas afirmam uma ligação muito maior com a proximidade: o lugar permanece a única coisa mensurável, em relação ao mercado mundial, este enorme espaço não mensurável."<sup>7</sup> Haveria uma insurreição de particularismos, cujo fundamento é anti-estatista, no sentido de que a ligação com o lugar volta-se contra o espaço/tempo do Estado e da nação.

Estes são os termos possíveis da transformação social, que a história recente produziu, garantindo o sentido irreduzível do lugar, diante da mundialização e do Estado, que a sustenta. A abrangência histórica dessa irreduzibilidade ainda permanece desconhecida.

---

<sup>5</sup> Lefebvre, Henri, *Le retour de la dialectique*, Paris, Messidor/Éditions Sociales, 1986, p. 104.

<sup>6</sup> Soja, Edward W., *Geografias pós-modernas - a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, capítulo 7.

<sup>7</sup> Groupe de Navarrenx, *Du contrat de citoyenneté*, Paris, Syllepse/Périscopes, 1990, pp. 11/12.